

O valor terapêutico da ação humana e suas concepções em Terapia Ocupacional¹

Claudia Márcia Lima Costa^{a,b}, Ana Paula Leal Loureiro da Silva^c, Andréa Bentes Flores^d,
Anne Abreu de Lima^e, Bruno Costa Poltronieri^f

^aTerapeuta ocupacional, Professora auxiliar III do curso de Terapia Ocupacional,
Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, PA, Brasil

^bTerapeuta ocupacional da Enfermaria Pediátrica do Hospital Universitário João de Barros Barreto – HUIBB,
Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, PA, Brasil

^cTerapeuta ocupacional Especializanda em Gerontologia, Escola Paulista de Medicina,
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil

^dTerapeuta ocupacional Especializanda em Estudos Contemporâneos do Corpo: Criação, Difusão e Recepção,
Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, PA, Brasil

^eTerapeuta ocupacional Especializanda em Desenvolvimento Infantil, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde,
Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, PA, Brasil

^fTerapeuta ocupacional da Secretaria de Promoção Social e Trabalho,
Prefeitura de Breu Branco, Breu Branco, PA, Brasil

Resumo: Diante de uma inquietação compartilhada pelos proponentes da pesquisa a respeito de quando o fazer humano se torna terapêutico no processo da Terapia Ocupacional, propôs-se discutir o valor terapêutico da ação humana em Terapia Ocupacional, de acordo com as diferentes concepções desenvolvidas sobre o assunto. Para tanto, realizou-se um estudo exploratório com pesquisa bibliográfica, dentro da estratégia do Laboratório de Estudos em Terapia Ocupacional (LETO) adotada no quinto ano do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará. Após compreender diferentes ideias de atividade e ocupação desenvolvidas por autores da Terapia Ocupacional, analisar o processo terapêutico e o significado da ação humana dentro desse processo, pôde-se verificar que as diferentes concepções para o valor terapêutico da intervenção estão relacionadas a momentos históricos, áreas de atuação e formação profissional. Para os pesquisadores, o valor terapêutico relaciona-se a mudanças construtivas, para o sujeito, relaciona-se a um processo de transformação de si e de sua realidade por meio do fazer.

Palavras-chave: *Atividades Cotidianas, Terapia Ocupacional, Papel.*

The therapeutic value of human action and its concepts in Occupational Therapy

Abstract: In view of the unrest shared by the proponents of this research regarding the human ‘doing’ as therapeutic action in the process of Occupational Therapy, we proposed to discuss the therapeutic value of this action according to the different concepts developed on the subject. To this end, we carried out an exploratory literature survey, within the study strategy of the Laboratory for Research on Occupational Therapy (LETO), which was adopted in the fifth year of the Occupational Therapy course of the University of the State of Pará. After learning different ideas of activity and occupation developed by authors of Occupational Therapy, analyzing the therapeutic process and the meaning of human action within this process, we verified that the different conceptions of the therapeutic value of intervention are related to historical moments, areas of expertise, and professional training. In the researchers’ opinion, the therapeutic value relates to constructive changes to the subject, a process of transformation of the self and its reality, through ‘doing’.

Keywords: *Activities of Daily Living, Occupational Therapy, Role.*

1 Introdução

Pensar sobre a ação humana em Terapia Ocupacional é caminhar por um território de diversidades. Conceitos e opiniões se complementam e parecem divergir entre os terapeutas que se lançam à tentativa de explicar essa relação ao mesmo tempo íntima e dialética. Talvez por este motivo, associado às inquietações que emergiam naturalmente no contato com os sujeitos atendidos, compartilhávamos uma dúvida: quando nossas intervenções realmente tinham valor terapêutico? Seguindo uma ou outra linha de pensamento, a Terapia Ocupacional que praticávamos parecia mais próxima ou distante de alcançar seus objetivos.

No processo terapêutico, intervenções delineavam-se no encontro e no contato com o outro, por meio de um ou outro modelo, utilizando determinada ferramenta e/ou instrumento, seguindo um plano de tratamento e fazendo uso do raciocínio clínico. Ocorre que a prática clínica configurava-se constantemente de formas não previstas no planejamento. Muitas vezes, por exemplo, não era necessário um recurso material, como pensado antes do processo iniciar.

Dessa forma, para atender nossas indagações, partimos para as questões que fundamentam a nossa prática no campo da Terapia Ocupacional, passando por conceitos que buscam compreender a ação humana.

Para Vásquez (2007, p. 222), a palavra atividade caracteriza-se enquanto ato ou conjunto de atos (físicos, psíquicos ou sociais) praticados por um sujeito ativo (agente), que pode ser físico, biológico ou humano, capaz de modificar uma matéria-prima dada (corpo físico, ser vivo, vivência psíquica, grupo, relação ou instituição social). A atividade puramente humana, por sua vez:

Orienta-se conforme a fins, e esses só existem através do homem, como produtos de sua consciência. Toda ação verdadeiramente humana exige certa consciência de um fim, o qual se sujeita ao curso da própria atividade.

Já para Kielhofner (2002), o organismo humano possui um princípio de ocupação inerente à sua essência. Esse princípio manifesta-se por meio de diferentes formas de fazer, seja no trabalho, na brincadeira ou nas atividades de vida diária, com um contexto temporal, físico e sociocultural que caracteriza amplamente a vida humana. A vida ativa é a forma de um organismo se manter e se equilibrar no mundo de realidade, em harmonia com sua própria natureza e sobre a natureza em seu

redor. Ocupar-se é, para o homem, uma necessidade fundamental, que mantém o equilíbrio do corpo através do ritmo de trabalho, descanso, lazer e sono.

Segundo a Ciência da Ocupação, as atividades são inerentes ao indivíduo e é pela sua realização que a pessoa satisfaz necessidades e desejos, buscando um resultado previamente estabelecido. O significado que cada um atribui às suas atividades, no entanto, é único, implicado em interpretações pessoais do sujeito. Quando, em virtude dessas interpretações, a atividade adquire propósito e significado, transforma-se em ocupação (LILLO, 2003).

Muitas concepções não eram dicotômicas, mas certamente guardavam sensíveis diferenças. Percebemos que precisávamos nos posicionar, especialmente ao longo de um estágio curricular em um hospital universitário de Belém, Pará, onde o contato com os sujeitos despertava ainda mais nossas inquietações. Prestes a nos formar, estava claro que era fundamental entender que significado de atividade em Terapia Ocupacional fazia sentido.

Para Castro, Lima e Brunello (2001), as atividades, em Terapia Ocupacional, possibilitam a cada um ser reconhecido e se reconhecer por outros fazeres. Os sujeitos descobrem interesses, habilidades e potencialidades, delineando caminhos possíveis no território das atividades e produções humanas.

Jorge (1997, p. 53), acrescenta que

As atividades livres e criativas oferecem ao homem oportunidades de criar uma realidade mais alta e uma experiência mais verídica, porque não permitem as deformações causadas pela arbitrariedade das situações. Nesses termos, mais que expressivas e formativas são, portanto, contextualizadoras.

Uma vez que as atividades vêm sendo utilizadas como “ferramentas” do terapeuta, parece previsível que haja multiplicidade de compreensões e utilizações, de acordo com a concepção do profissional em relação às teorias metodológicas e filosóficas, bem como aos conceitos de doença e saúde (MEDEIROS, 2003).

Assim, entendendo que nossa dúvida era pertinente, precisávamos compreender os diversos caminhos que têm sido percorridos na Terapia Ocupacional no Brasil e em algumas regiões do mundo como, por exemplo, o Canadá, na América do Norte, e o Chile, na América do Sul, em busca de soluções para a questão do valor terapêutico da ação humana. Este trabalho tem por objetivo discutir o valor terapêutico da ação humana em Terapia Ocupacional, de acordo com as diferentes concepções desenvolvidas sobre o assunto. Para tanto,

nos propomos a compreender algumas diferentes ideias de atividade e ocupação desenvolvidas por terapeutas ocupacionais, analisar o processo terapêutico e o significado do fazer humano dentro desse processo, formar nossas próprias opiniões a partir das discussões, a fim de contribuir com a comunidade acadêmica e fundamentar nossa prática.

2 Metodologia

O trabalho foi elaborado a partir da metodologia desenvolvida durante o Laboratório de Estudos em Terapia Ocupacional (LETO), uma estratégia utilizada durante o quinto ano de graduação do curso na Universidade do Estado do Pará. O LETO tem como base as metodologias ativas e atividades de tutelamento que, de acordo com Mitre et al. (2008), estão alicerçadas no princípio teórico da autonomia, na qual se entende que o discente deve ser capaz de autogerenciar ou autogovernar seu processo de formação e aprendizagem.

Freire (2006, p. 23) afirma que:

O ensinar exige respeito à autonomia e à dignidade de cada sujeito, especialmente no âmago de uma abordagem progressiva, alicerce para uma educação que leva em consideração o indivíduo como um ser que constrói a sua própria história.

Anualmente, a equipe de professores do quinto ano elabora um eixo norteador que deve direcionar a construção de um artigo científico. O eixo escolhido foi “O uso da atividade humana na prática da Terapia Ocupacional” e o desenvolvimento do artigo seguiu as etapas abaixo:

1º Encontro: Apresentou-se o eixo norteador e procedeu-se à elaboração do problema de pesquisa, escolhido pelos discentes do quinto ano, divididos em grupos. O grupo deste trabalho chegou ao seguinte problema: quando a atividade se torna terapêutica no processo da Terapia Ocupacional? Após a definição do problema, cada grupo escolheu alguns pontos-chave de teorização. Nós delineamos os seguintes: atividade humana, concepções em Terapia Ocupacional, o processo terapêutico e o significado da atividade.

2º Encontro: Realizou-se a primeira etapa de teorização, que consistiu em um levantamento bibliográfico acerca do problema.

3º Encontro: Na primeira parte desse momento, os grupos reuniram-se para desenvolver uma apresentação contendo os principais pontos de

teorização. Em seguida, procedeu-se à socialização dessa construção.

4º Encontro: Socialização da análise crítica do trabalho de cada grupo, na qual todos os alunos e professores do quinto ano contribuíram com cada grupo.

5º Encontro: Entrega e apresentação do resumo expandido.

6º Encontro: Jornada de apresentação do artigo final de cada grupo.

Para desenvolvimento do trabalho optou-se por um estudo exploratório de pesquisa bibliográfica, no qual os autores buscaram conceitos acerca da atividade, do fazer, da ocupação e da ação humana na literatura nacional e estrangeira, focando principalmente as publicações ocorridas a partir do ano 2000, com intuito de fundamentar o estudo.

3 Em busca de conceitos acerca da ação humana em Terapia Ocupacional

Para compreender os sentidos que a ação humana pode adquirir no campo da Terapia Ocupacional, seria necessário um estudo aprofundado de correntes históricas e filosóficas, as quais influenciaram a profissão desde sua existência. Esse trabalho vem sendo realizado por alguns profissionais da área e não é objetivo deste artigo. Procuramos caminhar por algumas conclusões de estudos epistemológicos no assunto, propondo um breve passeio pelo mosaico de concepções já desenvolvidas, permeado pelas impressões que reverberam em nós.

Para tanto, situamos a análise da ação humana, em períodos históricos, e do processo terapêutico ocupacional em diferentes campos de atuação, didaticamente divididos em: reabilitação física, saúde mental e campo social, complementados por uma análise, em separado, das ideias da Ciência Ocupacional, que permeia todas as áreas. A opção por tratar as áreas de atuação do terapeuta ocupacional divididas dessa forma foi antes uma estratégia para facilitar nossa compreensão de diferentes dimensões do valor terapêutico na profissão do que uma atitude cartesiana de separar o físico do mental e do social.

4 Ação humana: concepções em Terapia Ocupacional

Ao longo da história da Terapia Ocupacional, a ação humana foi compreendida de diversas formas. Em meados do século XIX, as atividades eram

importantes instrumentos de manutenção da lógica asilar, onde eram mantidos os doentes mentais. O tratamento moral, proposto por Pinel, reduzia o fazer à manutenção da ordem das instituições, mantendo o equilíbrio dos doentes (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

A terapêutica ocupacional foi então introduzida como parte integrante da sua reforma. Afirmou Pinel: “o trabalho constante modifica a cadeia de pensamentos mórbidos, fixa as faculdades do entendimento, dando-lhes exercício e, por si só, mantém a ordem num agrupamento qualquer de alienados” (ARRUDA, 1962, p. 25, apud DE CARLO; BARTALOTTI, 2001, p. 22).

O tratamento moral deixou suas heranças na profissão. A esta concepção de atividade, somou-se, nos anos 1940 e 1950, o advento da corrente reducionista. Nessa época, as profissões da área da saúde, por forte pressão da comunidade médica, passaram a centrar suas práticas clínicas nos princípios da bioquímica e biofísica e com a perspectiva psicanalítica da psiquiatria. Nesse momento, a aplicação da ocupação resultou na substituição do treinamento de hábitos pela aplicação de exercícios (FRANCISCO, 2004).

Esse modelo fragmentou o objeto de estudo da Terapia Ocupacional, caracterizando-se pelo excesso de mensuração, determinismo, objetividade, exatidão e linearidade. O homem era visto, assim, como um ser funcional e as disfunções deveriam ser remediadas, por meio de atividades prescritas e pré-analisadas, que poderiam inibir ou estimular determinadas funções, assim como os remédios. Buscava-se tornar o homem produtivo novamente (CANIGLIA, 2005; LEAL, 2005).

Na tentativa de superar esses paradigmas, os terapeutas ocupacionais se lançaram a uma busca por novos referenciais para compreender as atividades humanas e o próprio processo terapêutico. Nessa nova visão, as atividades são formas de enriquecimento do ser, dispositivos que potencializam a participação e inclusão social, demandando capacidades, materialidades e estabelecendo mecanismos internos para sua realização (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

Partilham desse novo pensar terapeutas ocupacionais que entendem a atividade enquanto princípio que rege a vida do ser humano por inteiro, gerando sentimentos em direção ao descobrir, estabelecer, intuir e formalizar conexões (PEDRAL; BASTOS, 2008; LEAL, 2005).

A atividade humana é o próprio engendramento das vidas e dos mundos e implica dizer que:

ela é sempre plena de sentidos. Sentidos de si no mundo. O sentido não se busca, ele se exerce... afirma... (QUARENTEI, 2007, p. 4).

No entanto é preciso destacar que, mesmo entre os terapeutas ocupacionais, ainda há discordâncias quanto ao significado de termos centrais na profissão. Para alguns, atividade e ocupação são conceitos distintos. Para a escola canadense, entende-se ocupação como “uma forma organizada do comportamento humano, que tem um nome e um papel associado”, composta por atividades, que, portanto, são descrições curtas “do tipo de fazer e do objeto – a coisa a ser trabalhada ou a razão para fazê-la” (HAGEDORN, 2007, p. 37).

Já para alguns teóricos da Ciência da Ocupação, partindo do Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional, atividade designa um termo genérico, que remete à característica humana de estar sempre ativo. Trata-se uma ideia arraigada na mente das pessoas e culturalmente compartilhada. O resultado da interação entre atividade, pessoa e ambiente, donde surgem forma, função e significado, é a ocupação, uma atividade com sentidos subjetivos atribuídos por alguém, como resultado de sua experiência singular no mundo (CARRASCO; OLIVARES, 2008; LILLO, 2003).

Essa distinção entre atividade e ocupação não é defendida por Jorge (1990), para o qual os termos são sinônimos empregados para descrever o modo ativo de um sujeito intervir no mundo.

Há, ainda, o uso do termo práxis para designar tanto as atividades que acontecem durante o processo quanto o objetivo final da intervenção. Francisco (2004) define práxis como uma atividade, enquanto produto da consciência, que modifica a realidade. Para ela, trata-se tanto da atividade desenvolvida no acontecer da Terapia Ocupacional, quanto a que o terapeuta deseja ver acontecer ao fim do processo, na vida do sujeito. Caniglia (2005) acredita que o termo ocupação se refere mais a trabalho que a atividade humana em si, preferindo falar em práxis na profissão, relacionando o termo com a “saúde práxica”, objetivo da Terapia Ocupacional, que se refere ao fazer humano qualificado.

Assim, é sob a influência de diferentes contextos históricos e filosóficos que se entende o fazer humano na profissão (MEDEIROS, 2003). Por esse motivo, a Terapia Ocupacional guarda especificidades em cada época e área de atuação.

Nesse cenário, nos ocorre o mesmo questionamento de Pedral e Bastos (2008, p. 25): “Mas como é que podemos identificar que as atividades são terapêuticas?” Para nós, a resposta está em analisar

algumas opiniões diferentes e seus paradigmas, a fim de encontrar formas de responder nossas inquietações e conduzir nosso pensamento e prática clínica.

5 O processo terapêutico e o significado da ação humana

O processo terapêutico se configura de maneira variada. Trata-se da sequência de ações praticadas pelo terapeuta ocupacional a fim de atender a demanda da população atendida. Conforme o tipo de demanda apresentada, a área na qual atua, o paradigma a partir do qual parte o profissional, sua formação, etc., o terapeuta irá traçar metas e entender o caráter terapêutico de sua intervenção. De maneira geral, trata-se de um processo transformador, que busca atingir os resultados mais coerentes com a situação (CANIGLIA, 2005; HAGEDORN, 2007).

Concordamos com Benetton (2006) quando afirma que o ato terapêutico se estabelece em relações dialéticas (saúde e doença; possibilidade e impossibilidade; habilidade e inabilidade; autonomia e independência; indivíduo e sociedade). Esse caráter contraditório pode explicar a diversidade de territórios pelos quais caminham as compreensões do processo da Terapia Ocupacional, que apresentamos a seguir.

6 A perspectiva da reabilitação física

Na abordagem reabilitadora, a atividade se torna terapêutica quando busca a restauração de competências e habilidades com máxima independência, utilizando mecanismos compensatórios e técnicas de adaptação de equipamentos ou do ambiente (TROMBLY; RADOMSKI, 2005). Segundo Castro et al. (2004), com o advento do reducionismo, os terapeutas ocupacionais foram forçados a buscar uma estratégia que transformasse as atividades então utilizadas em instrumental confiável, mensurável e generalizável, o que resultou na substituição de treinamento de hábitos por exercícios.

Para Pedretti e Early (2004), o processo de Terapia Ocupacional envolve estágios distintos, compostos por encaminhamento, triagem, avaliação, plano de intervenção, intervenção, reavaliação, serviços de transição e término. Nesse último estágio, o terapeuta verifica se as metas traçadas no plano de tratamento foram atingidas ou se a Terapia Ocupacional alcançou o máximo de seus benefícios, no sentido de restaurar, melhorar ou manter a capacidade de o paciente funcionar nos papéis e atividades da vida diária.

Embora a profissão tenha se reformulado, quanto aos paradigmas tradicionalmente ligados à reabilitação, relacionados ao modelo médico reducionista, Gollegã, Luzo e De Carlo (2001, p. 137, 138) acreditam que permanece o objetivo fundamental de: “[...] atingir o potencial funcional e ocupacional máximo de cada indivíduo, de modo que ele alcance autonomia e independência na sua vida cotidiana e efetiva inclusão social”.

7 A perspectiva da saúde mental

Fidler, inicialmente define o processo terapêutico da Terapia Ocupacional como o processo de transformar experiências e pensamentos subjetivos e particulares internos em formas públicas e externas, acessíveis ao reconhecimento pelas pessoas em geral, adquirindo então validade no partilhado mundo real [...] (TEDESCO, 2007, p. 158).

Para Jorge (1997), a atividade é transformadora pelo fato do homem ser dotado de consciência e, por meio do fazer, transformar o objeto e a si mesmo. A atividade deve levá-lo à formação de uma consciência de si e do mundo, atingir a identidade entre o sujeito e o objeto, fazer-se reconhecer no objeto em sua construção.

O sucesso só pode ser alcançado se um sujeito puder e tiver o prazer de saber que seu fazer é ser e ser é fazer (BENETTON, 2006).

Os esforços da Terapia Ocupacional devem auxiliar o sujeito a transferir as experimentações e descobertas nas atividades para o campo de suas ações cotidianas, levando o sujeito a achar seu centro (ALMEIDA, 2004; LEAL, 2005). A atividade, nessa perspectiva, possui historicamente uma função interpretativa, manifestada através de uma dimensão inconsciente que, nutrida pelo campo sociopolítico e cultural, constitui instrumento rico para a emancipação e protagonismo social (RIBEIRO; MACHADO, 2008).

8 A perspectiva do campo social

As atividades não possuem significados fixos; formam-se constantemente múltiplos significados que se sobrepõem. Elas são expressões das identidades e participam de processos que formam identidades. Por serem um processo relacional, são também um processo político e, nesse processo, torna-se imperativo para o Terapeuta Ocupacional desenvolver atividades culturalmente pertinentes, pois trata-se de compreender como as atividades mais valorizadas são

percebidas na comunidade e como estão articuladas aos símbolos chave que formam as identidades (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007).

A Terapia Ocupacional social busca um maior compromisso com a população que assiste por meio do conhecimento da sua realidade [...] Promove um espaço para reflexões das possibilidades e limites da atuação na atenção a grupos sociais em processos de ruptura das redes sociais de suporte, exigindo um perfil profissional aberto às necessidades do outro, esse outro, aliás, contextualizado e em permanente relação com o meio que o produz e é produzido por ele, no qual o terapeuta ocupacional também participa e intervém [...] (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002 apud LOPES, 2006).

Esse campo se baseia em princípios de cidadania e de direitos para formulação de projetos individualizados e coletivos de intervenção, assim as atividades devem manter um equilíbrio entre ética e saber, ação técnica e compreensão sócio-antropológica, subjetividade e necessidade (GALHEIGO, 2007).

9 A perspectiva da ocupação

O uso do termo ocupação permeia os diversos campos de atuação da Terapia Ocupacional. No entanto, optou-se por analisar essa perspectiva em separado, focando-se no Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional e na visão da Ciência da Ocupação, concepções dialogantes que sintetizam compreensões da ocupação em Terapia Ocupacional que nos fizeram sentido.

Para Hagedorn (2007), o papel do terapeuta ocupacional é agir como catalisador, a fim de restaurar o equilíbrio entre a demanda por desempenho exigida pela tarefa e o ambiente, além da capacidade da pessoa ao responder a isto. Esse equilíbrio se estabelece na relação pessoa, ocupação e ambiente, que são os componentes da ocupação humana.

Ao recuperar o ajuste entre a pessoa e suas ocupações, o terapeuta ocupacional pode adaptar a natureza das tarefas que a pessoa desenvolve ou usar atividades e tarefas em um *setting* terapêutico. Atividade, aqui, é compreendida como sequência de eventos necessários para o desempenho de uma tarefa e, portanto, sempre tem um propósito. Assim, pode ser ferramenta do terapeuta ocupacional, porém o foco da intervenção está na ocupação, uma unidade de significação maior e mais abrangente que a atividade (HAGEDORN, 2007).

Uma série de teóricos em Ciência da Ocupação, no entanto, têm defendido que atividade é um termo mais genérico que ocupação. Para eles, o terapeuta ocupacional atua em forma, propósito e significado inerentes à da ocupação. A forma refere-se à interação atividade e ambiente, resultando no espaço físico concreto onde a ideia se concretiza. O propósito está relacionado à interação entre pessoa e atividade, ou seja, a razão pela qual algo é realizado. Já o significado resulta da interação entre pessoa e ambiente e diz respeito ao sentido subjetivo que a pessoa confere ao seu fazer em determinado contexto (CARRASCO; OLIVARES, 2008; IMPERATORE; HENRY, 2002; LILLO, 2003; RUEDA, 2003).

O valor terapêutico, assim, está na possibilidade de reenquadrar uma atividade, para lhe dar um novo significado, e em formas de manejar o ambiente, como estratégias capazes de mudar aspectos da ocupação que podem não estar sendo desempenhados de forma saudável (CARRASCO; OLIVARES, 2008).

Embora compreendendo atividade e ocupação com diferentes significados, como demonstrado, a ideia de terapêutico em Hagedorn (2007) não é conflitante com a de Carrasco e Olivares (2008). A autora afirma que, para que o processo logre fins terapêuticos, é necessário haver mudanças construtivas, com ganhos, capacidades e fortalecimento.

Quando um cliente é encaminhado, ou procura assistência de um terapeuta ocupacional, é porque existe um problema que afeta seu desempenho competente, ou o equilíbrio entre as ocupações. Se competência adaptada e equilíbrio devem ser restaurados, algo precisa mudar como resultado da intervenção [...] (HAGEDORN, 2007, p. 17).

10 Considerações finais

A ação humana é um tema de complexidade e, portanto, pode ser olhado por diversas perspectivas. Não se trata apenas de concepções filosóficas, mas também de olhares advindos da clínica, da formação profissional e de um momento histórico. Terapeutas ocupacionais direcionam seu fazer de acordo com modelos que respondem às suas necessidades em dado momento e, conforme ressoa nos proponentes desta pesquisa, pode caminhar por outras concepções quando as respostas não fazem mais sentido.

Isso é possível porque, em Terapia Ocupacional há menos divergências que complementaridades. Caminhamos, como a ciência, expandindo saberes, questionando valores, agregando novos sentidos e, assim, construindo conhecimento na amplitude da

existência humana. Essa existência biopsicossocial e ocupacional, ainda não completamente explicada é, via de regra, controversa. Qualquer tentativa de desagregar compreensões que, embora diferentes do que parece mais verdadeiro hoje, são fundamentadas em nova tentativa de enriquecer um corpo de conhecimentos, recairá no reducionismo. O mesmo que influencia a Terapia Ocupacional e outras ciências ainda hoje e que tem se demonstrado ineficaz para explicar a realidade humana.

Reconhecemos que cometíamos esse erro antes da realização do artigo. Guardávamos certo preconceito ao falar em ocupação, acreditando que “o certo” era referir-se à ação humana em Terapia Ocupacional enquanto atividade. Associávamos ocupação a uma execução limitada destituída de significado, ao fazer por fazer, para passar o tempo. Ocupar-se, segundo nossas concepções, remetia a meados do século XIX, ao momento histórico da profissão em que os profissionais eram designados para manter os doentes ocupados, afastando maus pensamentos e comportamentos antissociais.

Em contrapartida, atividade remetia a uma dinâmica da ação, agora não limitada a fazer o tempo passar, mas vinculada à produção de vida, através da construção de um fazer intencional. Os sujeitos atendidos, para nós, não ocupavam-se na Terapia Ocupacional, mas envolviam-se em atividades significativas, buscando atribuir novos sentidos à sua realidade, para envolverem-se nela de outras formas, de maneira a desempenharem seus papéis sociais e seus fazeres cotidianos com maior participação e capacidade de mudar o que lhes desagradava.

Nossas ideias refletiam nossa formação. Ao longo da graduação, tanto em virtude do currículo quanto da falta de esforço pessoal para buscarmos outros referenciais, pouco ouvíamos a respeito da ocupação, a não ser dentro da visão de antigos paradigmas. Além disso, falar em atividade sempre foi mais comum e bem aceito nesse período, principalmente quando se tratavam de atuações nos campos social e mental. A ocupação e o desempenho ocupacional eram mais comuns na reabilitação física. Isso já nos causava algumas inquietações, entretanto passamos a perceber que essas áreas não estão separadas umas das outras, mas (con)fundem-se e influenciam-se mutuamente na busca pela saúde. Que necessidade havia, portanto, de escolher um ou outro termo?

Após a realização do artigo, compreendemos que estávamos equivocados quanto ao receio de falar em ocupação. Os teóricos no assunto percorreram um caminho de desconstrução do sentido reducionista antes atribuído à ocupação e vêm desenvolvendo

compreensões alicerçadas na fenomenologia e em uma visão holística de homem e mundo, as quais delinham contribuições tão importantes quanto necessárias à profissão. Falar em forma, função e significado no desempenho de ocupações é relevante na medida em que diferencia o fazer por fazer daquele que opera mudanças na realidade dos sujeitos.

Concordamos com os autores quando diferenciam duas dimensões da ação humana. Uma delas, mais geral, não pode ser observada, pois diz respeito a uma característica humana de estar sempre em atividade, uma ideia culturalmente arraigada. A outra, resultante da interação do sujeito com o mundo ao seu redor, estabelece um fazer significativo, que acontece durante o processo da Terapia Ocupacional e que se torna, também, o foco do profissional.

Se falar em ocupação implica em um fazer que tenha uma maneira específica de acontecer para cada um, que é realizado por um motivo singular e cujo sentido é atribuído subjetivamente, então nosso preconceito era infundado. Ocupar-se está longe de alienar-se.

Só pudemos perceber nosso preconceito após realizar a pesquisa e perceber a resistência em entrar em contato com referenciais diferentes daqueles com os quais já estávamos acostumados. Entendemos, consoante a lição de Francisco (2004), que a Terapia Ocupacional explora diversas áreas do conhecimento, expandindo e diversificando ideias sem prender-se a concepções taxativas de certo ou errado, mas a diversos referenciais filosóficos, históricos etc. Já que lidar com o cotidiano, como fazemos enquanto terapeutas ocupacionais, exige trabalhar com a concretude do homem, movimento de múltiplas relações.

No entanto, é imperativo salientar que não compartilhamos dois aspectos principais das ideias dos cientistas da ocupação que pesquisamos. Um deles diz respeito ao ponto de partida de suas investigações: a necessidade de fundamentar nossa prática, muitas vezes taxada de pouco científica. Percebemos essa dificuldade e acreditamos que, de fato, a Terapia Ocupacional precisa esforçar-se para superá-la. Todavia, na nossa compreensão, falar em atividade não carece de cientificidade. Há produções na área, hoje, que já construíram um corpo de conhecimentos consistente, capaz de fundamentar ações partindo principalmente da Filosofia e de outras áreas do conhecimento.

Ao entrar em contato com esses outros caminhos encontrados para fundamentar a prática terapêutica ocupacional, inclusive, nos sentimos à vontade para atribuir à atividade humana um sentido diferente

daquele da Ciência da Ocupação. Trata-se do segundo aspecto discordante. Identificamo-nos mais com a ideia de atividade enquanto um fazer cheio de sentidos para quem realiza, capaz de ressignificar sua existência, do que com a concepção de um termo que designa um nível amplo, correspondente à característica do homem de estar sempre fazendo algo.

Em virtude disso, agregamos os significados atribuídos à ocupação, compreendendo-os como próximos àqueles desenvolvidos para atividade. Não encontramos conflito em usá-los juntos.

Entendemos que o terapeuta ocupacional não deve ser um mero defensor de um modelo, já que o objeto de estudo da profissão é complexo e, portanto, são necessárias diferentes compreensões. O profissional precisa saber conviver com a diversidade de conceitos, procurando integrá-los. Para tanto, é necessário que os conheça, forme sua identidade e saiba trilhar seu próprio caminho, acreditando no que faz.

Por conseguir passear por vários saberes, o terapeuta ocupacional tem, inclusive, um papel de agregador da equipe de saúde, auxiliando os integrantes a compreenderem os diferentes conhecimentos como parte de uma realidade onde todos atuam. Com isso, possibilita um trabalho integrado e transformador entre as equipes de saúde, o qual, segundo Medeiros (2003), é ocultado pelo raciocínio individualista e competitivo, gerado pela divisão social do trabalho e supervalorização do profissional, interferindo nas relações pessoais e gerando reflexos na população atendida.

Depois de esclarecermos e nos apropriarmos de alguns conceitos fundamentais na clínica da Terapia Ocupacional e de percorrermos caminhos históricos de construção e campos de atuação da profissão, acreditamos que a resposta ao nosso problema (qual o valor terapêutico da ação humana?) está relacionada a favorecer mudanças construtivas. Ou seja, implica na transformação do sujeito por meio do fazer, fazer impregnado de significado e que, por sua vez, reflete: vontade, consciência e desalienação.

É importante ressaltar que esse “valor terapêutico” não existe por si só, mas se dá dentro de um processo que é singular para cada terapeuta e para cada sujeito e que modifica-se na relação entre os dois. Reconhecer essa terapêutica, portanto, também depende do conhecimento da história de vida do sujeito, de seus desejos, projetos de vida e demandas e, ainda, da sensibilidade do terapeuta em perceber como e se a sua intervenção está refletindo na vida desse sujeito. Para tanto, concordamos com Pedral e Bastos (2008) quando afirmam que, para que o processo terapêutico ocupacional seja significativo,

confiável e mais próximo de causar impactos positivos na vida do sujeito, o procedimento de análise de atividades é indispensável.

É válido afirmar que não é propósito desta pesquisa ensinar uma receita a ser seguida para se chegar a um determinado fim (valor terapêutico) e nem apresentar conceitos e opiniões como verdades absolutas e inquestionáveis, mas sim contribuir para a reflexão acerca do tema e, acima de tudo, mostrar como os questionamentos dos pesquisadores foram respondidos e as lacunas preenchidas até aqui.

Referências

- ALMEIDA, M. V. M. *Corpo e arte em terapia ocupacional*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GALHEIGO, S. M. Terapia Ocupacional social: concepções e perspectivas. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 347-352.
- BENETTON, J. *Trilhas Associativas: Ampliando subsídios metodológicos à Clínica da Terapia Ocupacional*. São Paulo: Unisalesiano, 2006.
- CANIGLIA, M. *Terapia Ocupacional: Um enfoque disciplinar*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2005.
- CARRASCO, J.; OLIVARES, D. Haciendo camino al andar: construcción y comprensión de la ocupación para la investigación y práctica de la Terapia Ocupacional. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, n. 8, p. 5-16, dez. 2008.
- CASTRO, E.; LIMA, E.; BRUNELLO, M. I. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-59.
- CASTRO, E. D. et al. Análise de atividade: apontamentos para uma reflexão atual. In: DE CARLO, M. M. R. P.; LUZO, M. C. (Orgs.). *Terapia ocupacional: reabilitação física e contextos hospitalares*. São Paulo: Rocca, 2004. p. 47-73.
- DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. Caminhos da Terapia Ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 19-40.
- FRANCISCO, B. R. *Terapia Ocupacional*. São Paulo: Ed. Papyrus, 2004.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GALHEIGO, S. M. Campo Social e Terapia Ocupacional: grandes temáticas contemporâneas em debate. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 10., 2007, Goiânia. *Anais... Goiânia: Editora Kelps, Editora da Universidade Católica de Goiás*, 2007. v. 1. p. 1-5.

- GOLLEGÁ, A. C. C.; LUZO, M. C. M.; DE CARLO, M. M. R. P. Terapia Ocupacional – Princípios, recursos e perspectivas em reabilitação física. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. *Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 137-154.
- HAGEDORN, R. *Ferramentas para a prática em Terapia Ocupacional: uma abordagem estruturada nos conhecimentos e processos centrais*. São Paulo: Roca, 2007.
- IMPERATORE, E.; HENRY, E. La filosofía de la Terapia Ocupacional, ciencia ocupacional e ideología: una propuesta de interrelación. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, n. 2, p. 1, dez 2002.
- JORGE, R. C. *Museu Didático de Imagens Livres*. Belo Horizonte: Ges.to, 1997.
- JORGE, R. C. *O objeto e especificidade da Terapia Ocupacional*. Belo Horizonte: Ges.to, 1990.
- KIELHOFNER, G. *Model of Human Occupation*. 3rd. ed. USA: Lippincott Willian e Wilkins, 2002.
- LEAL, L. G. P. *Terapia Ocupacional: Guardados de Gavetas e Outros Guardados*. Recife: Ed. Do Autor, 2005.
- LILLO, S. G. La ocupación y su significado como factor influyente de la identidad personal. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, n. 3, nov. 2003.
- LOPES, R. E. Terapia Ocupacional social e a infância e a juventude pobres: experiências do núcleo UFSCar do projeto METUIA. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 5-14, 2006.
- MEDEIROS, M. H. *Terapia Ocupacional: Um enfoque epistemológico e social*. São Paulo: EdUfscar, 2003.
- MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 2133-2144, dez. 2008. Suplemento 2. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000900018>
- PEDRAL, C.; BASTOS, P. *Terapia Ocupacional: metodologia e pratica*. Rio de Janeiro: Rubio, 2008.
- PEDRETTI, L. W.; EARLY, M. B. *Terapia Ocupacional: capacidades práticas para disfunções físicas*. São Paulo: Roca, 2004.
- QUARENTEI, M. I. Do Ocupar a criação de territórios existenciais: atividade terapêutica e atividade humana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 10., 2007, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2007.
- RIBEIRO, M. C.; MACHADO, A. L. A Terapia ocupacional e as novas formas do cuidar em saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 72-75, maio/ago. 2008.
- RUEDA, L. La ocupación: ciencia y técnica. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, Santiago, n. 3, nov. 2003.
- TEDESCO, S. A. Diálogos da terapia ocupacional e a psicanálise: terapia ocupacional psicodinâmica. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 156-160.
- TROMBLY, C.; RADOMSKI, M. V. *Terapia Ocupacional para as disfunções físicas*. São Paulo: Santos, 2005.
- VÁSQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007.

Contribuição dos Autores

Ana Paula Loureiro, Andréa Flores, Anne Lima e Bruno Costa Poltronieri foram responsáveis pelo levantamento bibliográfico, análise e redação do texto. Claudia Marcia Costa contribuiu com supervisão, orientação e correção do texto. Todos os autores participaram da redação e aprovação final do texto.

Notas

¹Este trabalho é parte integrante da estratégia do Laboratório de Estudos em Terapia Ocupacional (LETO).